

MUSEU NUMA CAIXA DE SAPATO – UMA ATIVIDADE LÚDICA DO MUSEU DO DIAMANTE SOBRE PATRIMÔNIO E MEMÓRIA

Apresentação oral

Objeto

Trata-se de uma oficina sobre patrimônio e memória e suas relações com os museus e suas atividades decorrentes, realizada durante a 11ª Semana Nacional de Museus e a 7ª Primavera de Museus de 2013.

Objetivos

Nesta oficina partimos do pressuposto que as pessoas se relacionam melhor com quem as respeita como indivíduos e com aquilo que elas reconhecem como patrimônio (e não propriedade).

A proposta inicial era experimentar a ideia do “museu numa caixa de sapato” com públicos diversos, para testar, ratificar ou mudar as possibilidades de abordagem e desenvolvimento do projeto.

O conceito da oficina é que um museu pode ser estruturado e pensado para vários espaços, desde que sejam seguidas algumas ações, com base na ideia de um “lugar” (mesmo que etéreo), onde os patrimônios escolhidos (materiais e imateriais) sejam retirados de suas funções e preservados, passando a representar valores e pensamentos relacionados ao Homem.

Metodologia

Partindo da pergunta retórica: “o que você pensa quando ouve a palavra museu?”; começa-se a desconstruir o chavão “museu é um depósito de coisas velhas”, resignificando as palavras: depósito (espaço ou lugar de guarda), coisa (qualquer coisa relacionada ao homem e escolhida para representar algum aspecto desta relação) e velha (retirada do universo funcional em que estava inserida e/ou usada para ser preservada para a posteridade), dando-lhes um sentido mais amplo. Em seguida, há a explicação das atividades básicas e corriqueiras desenvolvidas nos museus para, num momento posterior, montarmos um “museu” de “alguma coisa”, numa pequena caixa.

A partir daí são discutidas questões como adequação de espaços, formas de conservação e manejo de acervo, registro e documentação, expografia e divulgação, numa atividade prática e lúdica que envolve toda a “equipe”.

Resultados

O trabalho realizado com um grupo (feminino) de crianças e adolescentes (algumas em “situação de risco”), atendidos por uma entidade educativo-filantrópica, mostrou que é possível mudar a maneira como a população carente da cidade (Diamantina – MG) pode se relacionar com o Museu e como ele é compreendido por ela.

Após a dinâmica de resignificação e um bate papo sobre o que podemos considerar como patrimônio foi realizada uma discussão sobre como algo, para ser valorizado, deve ser conhecido, remetendo às exposições de objetos nos museus. Para demonstrar isso e lidar com uma certa ansiedade do grupo, quebrando o imediatismo cada vez mais presente nos jovens, criamos uma Cápsula do Tempo, com o princípio de conter quaisquer objetos que elas julgassem significativo, que coubesse na “cápsula” e que não lhes fizesse falta e que, depois de lacrada, deveria ser aberta por outras pessoas (no prazo mínimo de 1 ano), que tentariam entender a “lógica” e a “razão” das escolhas dos objetos naquele momento passado.

Em seguida, conversamos sobre como fazer um museu numa caixa de sapato e qual seria a sua temática; por questões de praticidade, tempo, empatia (várias delas tinham garimpeiros entre os membros da família) e uma feliz coincidência¹, elas criaram o Museu Magia das Pedras.

Iniciaram a coleta de pequenas pedras, cristais e aglomerados nos jardins da instituição para, em seguida, fazerem o agrupamento e a seleção dos exemplares mais característicos com uma ampla discussão sobre os critérios utilizados. Depois do registro e catalogação, com as “pedrinhas” recebendo um número de tombo, começaram as propostas de expografia. Em cada uma destas fases, as “responsáveis” pelo MMP se dividiam para realizar as tarefas e elaborar uma agenda para “manter o museu aberto” para os “visitantes”.

Faz-se necessário ainda a verificação da perenidade, ou não, do MMP e se aqueles conceitos e ações permanecem na memória do grupo que participou da oficina.

Num segundo momento, meses depois, uma variação da oficina foi feita com idosos e desvalidos (geralmente acima de 70 anos), assistidos por outra entidade, esta ligada a uma associação religiosa. Neste caso, devido a impossibilidade de aplicar as mesmas dinâmicas e ações feitas com o primeiro grupo (crianças e adolescentes), pensou-se em algumas possibilidades: lembrar músicas da infância ou das memórias de algumas brincadeiras (como subir em árvores ou “roubar” frutas dos vizinhos) e a observação de fotografias antigas da cidade.

Ao contrário das crianças e adolescentes, onde o trajeto foi da memória individual (objetos na Cápsula do Tempo) para a memória coletiva (o Museu Magia das Pedras, na caixa de sapato), com os idosos o “trajeto” foi das fotos antigas (uma forma de memória coletiva, apesar de produzidas por um único fotógrafo) para as lembranças individuais, que aquelas imagens faziam aflorar. Foi interessante e, ao mesmo tempo, angustiante ter a exata noção que a memória só se faz perene quando é dividida com outra pessoa; assim, me sinto o “fiel depositário” das memórias que aqueles idosos partilharam comigo.

A oficina “museu numa caixa de sapato” precisa ser aplicada em mais grupos e em diferentes contextos, mas é uma experiência eficiente para estimular as pessoas e levá-las a pensar os museus e espaços de memória de uma forma diferente.

Bibliografia

BLANCO, Ángela García. **La exposición, un medio de comunicación**. Madrid: Ediciones Akal, 1999. 236 p. (Arte y Estética, 55).

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia e comunicação**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 1996. 116 p. (Cadernos de Sociomuseologia, n. 9).

CURY, Marília Xavier. **Exposição: análise metodológica do processo de concepção, montagem e avaliação**. Dissertação de mestrado, São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, USP.

MENSCH, Peter van. **O objeto de estudo da Museologia**. Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1994. 22 p. (Prétextos Museológicos,1).

LARA FILHO, Durval de. **Museu, objeto e informação**. *TransInformação*, v. 21, n. 2, p. 2009. Disponível em:

< <http://revistas.puccampinas.edu.br/transinfo/include/getdoc.php?id=695&article=342&mode=pdf&OJSSID=b3345b37638ab9035d5cc880248c2fe9> >

Acesso em: 17 de maio de 2010.

¹ A fábrica de calçados tinha denominado uma linha de sandálias femininas como Magia das Pedras, sendo o que constava impresso na caixa do produto.